

**O PROCESSO DE AVALIAÇÃO NO BRASIL: PERSPECTIVAS DOCENTES
SOBRE O CONCEITO DE AVALIAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ATUAL**

***THE PROCESS OF EVALUATION IN BRAZIL: TEACHERS' PERSPECTIVES
ABOUT THE CONCEPT OF EVALUATION IN THE CONTEXT OF THE CURRENT
EDUCATION***

Marcela Caon Cunha¹

Maria Eduarda Venancio Lopes²

Vanessa Cristina Treviso³

RESUMO

Durante os séculos XVI e XVII, a avaliação eram exames utilizados como meio de castigar ou premiar os alunos de acordo com seu desempenho e comportamento escolar. Somente no final do século XX e começo do século XXI, a preocupação com o meio educacional referente às avaliações aumentou e com impacto que elas tinham nos alunos, começou a se pensar em utilizar os resultados adquiridos para melhorar a construção do conhecimento. A avaliação está integrada ao ensino-aprendizagem e visa investigar o quanto foi absorvido pelos alunos do planejamento do professor. Para se discernir entre as avaliações diagnóstica, formativa e somativa deve-se analisar a finalidade dos resultados encontrados pelo docente. No presente estudo foi realizado levantamento bibliográfico sobre o tema com ênfase nos autores Luckesi (2013), Hoffmann (2003; 2005), Zabala (1998) dentre outros. A pesquisa de campo mostrou que os professores possuem noção de todos os processos avaliativos, porém desconhecem seus nomes e funcionalidades diante do educando. Poucos conseguiram declarar qual a modalidade de avaliação que seguiam, somente

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro – SP. E-mail: marcelacaoncunha@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro – SP. E-mail: duda_lopes245@hotmail.com

³ Professora Mestre no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro – SP. E-mail: vctre@ig.com.br

descreveram os métodos utilizados. Podemos concluir que a avaliação tem como principal objetivo para os docentes avaliar o aluno e a si mesmo. Embora desconheçam a teoria dos métodos avaliativos que usam, entendem a importância da avaliação ser uma via de mão dupla, em que não se deve apenas verificar, mas também avaliar.

Palavras-Chave: Avaliação. Docentes. Educação.

ABSTRACT

During the XVI and XVII century the methods of evaluation were exams to either punish or praise the students according to their development or behavior at school. It was only by the end of the XX century and at the beginning of the XXI century that the concerns about the evaluation in education have raised, but also how the tests would impact the students. Therefore, they started to think about using these tests achieved outcomes to improve the construction of the knowledge. The evaluation is integrated with the teaching-learning process and aim at investigating how much of the teacher's planning was absorbed by the student. To get a better insight of the diagnostic, formative and summative assessment, the goal of the results found by the teacher must be analyzed carefully. In the current study, a bibliographic search was carried out about the theme focusing on the following authors, Luckesi (2013), Hoffmann (2003; 2005), Zabala (1998), among others. This research has shown that the teachers are aware of all of the evaluating processes, however they don't know neither their names nor their function before the students. Only a few of the teachers could say which modality of evaluation they were using the others could only describe the methods applied. Therefore, we can conclude that the evaluation is the main method used to test students and teachers themselves. Although teachers might not be aware of the theory of the evaluated methods, they know that the evaluation must be a double track importance of not only checking out information, but also evaluating.

Keywords: Evaluation. Teachers. Education.

INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo que foi proposto em 1934 por Ralph Tyler, esse termo e processo possui 85 anos, muitos estudiosos já desenvolveram diversos modos e instrumentos de avaliação. Quando se trata de épocas anteriores, em que os métodos de ensino eram mais tradicionais e o professor era o centro do processo ensino-aprendizagem, a avaliação era voltada a esse fim, mensurar o que o aluno havia memorizado da transmissão automática a qual era submetido.

Com o passar do tempo, com as novas demandas sociais e estudos no campo da educação, Zabala (1998), por exemplo, apresenta uma outra forma de avaliar, ou seja, aquela que considera o educando nas suas individualidades, que o reconhece como sujeito ativo do processo de construção do conhecimento. Assim, a avaliação educacional deve acompanhar a educação que busca formar para a autonomia, solidariedade, cidadania e criticidade.

A presente pesquisa de caráter qualitativo tem o intuito de analisar se os métodos avaliativos são condizentes com a prática docente e se os professores possuem os conhecimentos necessários e atualizados para que a avaliação aconteça de forma significativa tanto para o aluno quanto para o docente, foi organizada a partir de uma revisão bibliográfica que teve traçado uma linha do tempo do desenvolvimento da educação e avaliação brasileiras. Em seguida foi realizada uma entrevista com docentes do Ensino Fundamental I de uma unidade escolar privada, com o propósito de apresentar os métodos de avaliação utilizados pelos professores e pela escola durante o período escolar.

1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A primeira ideia de escola surgiu no século XVI no período colonial, onde não era muito valorizada a alfabetização da população. A Companhia de Jesus foi criada com um caráter religioso com intuito de amplificar o catolicismo. Os curumins foram os primeiros a serem catequizados, as mulheres e os primogênitos eram excluídos dos saberes religiosos. Assim, “explicitamente, a missão da Companhia de Jesus era

de catequizar, ou seja, conseguir adeptos à fé católica, tornar os índios mais dóceis e submissos, adaptando-os a mão de obra” (RIBEIRO, 1993, p. 2).

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, houve restaurações na parte educacional, tornando o Estado responsável pela educação e tirando dos cuidados da igreja, criando assim “um ensino pelo e para o Estado” (RIBEIRO, 1993, p. 2). No entanto nada mudou, evitando que a população se expressasse de maneira cultural e criativa (RIBEIRO, 1993).

O século XIX veio com a inclusão da burguesia na classe dominante e no âmbito escolar. Com a chegada da família real, foram implantadas diversas mudanças no plano educacional da época. Destacou-se o ensino primário, a sociedade não havia evoluído na aquisição do saber e permanecia iletrada. O Ato Institucional de 1834 dissociou a incumbência educacional, passando-as para as províncias que teriam que fiscalizar e legislar o ensino primário. O desamparo educacional abriu uma rota para as instituições particulares, que destacou mais o “elitismo educacional” (RIBEIRO, 1993).

O início da República conduziu diversas ideias educacionais, que pretendia organizar e sistematizar o ensino público, laico e obrigatório. Esse período ficou marcado por diversas reformas, que buscavam impulsionar o progresso através da educação, entretanto não conseguiram suprir todos os problemas que sistema educacional tinha, mantendo uma educação tradicional como fruto do arquétipo sócio econômico da época. Com a divisão das classes, em que somente a elite precisava ser letrada, nas escolas públicas tiveram um gradativo aumento de professores, mas um baixo nível nas instituições e matrículas (CATANI, 2011; RIBEIRO, 1993).

Do ponto de vista cultural e pedagógico, a República foi uma revolução que abortou e que, contentando-se com a mudança do regime, não teve o pensamento ou a decisão de realizar uma transformação radical no sistema de ensino para provocar uma renovação intelectual das elites culturais e políticas, necessárias às novas instituições democráticas (AZEVEDO, 1953, p. 134 apud RIBEIRO, 1993).

O século XX trouxe para a educação influências de diversas partes, os católicos e os filósofos escolanovistas vão ser agregados e motivarão grande parte da administração escolar. Diante desse cenário ergue-se a Escola Nova. Podem-se

observar educadores se impondo e sinalizando pontos falhos na educação. A Escola Nova abraça um aprendizado leigo, gratuito, obrigatório e universal e o significativo papel do Estado na coordenação educacional. É estabelecido o Ministério da Educação e Saúde e realizado mudanças pedagógicas, fixou o currículo seriado, a regularidade obrigatória das aulas e dois ciclos. “um fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos” (RIBEIRO, 1993).

Devido à demora para a realização das mudanças, alguns educadores ficaram cada vez mais infelizes e decidem assinar e tornar público o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (RIBEIRO, 1993). O Brasil dispôs de uma nova Constituição com o término do Estado Novo e é oferecido um anteprojeto da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996), que constituiu divergências entre os escolanovistas e a Igreja Católica, o documento só foi homologado 13 anos depois (CAMILO, 2013).

No período de Ditadura Militar foi elaborado o Programa Nacional de Alfabetização, que tinha a meta de realizar uma alfabetização em grande escala e possibilitou uma ação por todo o Brasil. Fundado a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização, obrigou as crianças de 7 a 14 anos a frequentarem a escola para a diminuição do analfabetismo (FERREIRA, 2013).

Com o passar dos anos, diversas mudanças foram acontecendo, tendo como principal a implementação das Diretrizes e Base “nova LDB (1996)” visava uma formação integral do aluno, se preocupando não somente com o aprendizado cognitivo, mas também com seu desenvolvimento social. Dialogando o professor e o aluno tornam-se equivalentes no processo de ensino-aprendizagem, desta forma o professor consegue ter acesso a cultura do aluno, assim o docente poderá buscar direções para que todos alcancem seus objetivos (MEC, 2020; OLIVEIRA, 2017; PELEGRINI, 2008).

1.1 HISTÓRIA DA AVALIAÇÃO BRASILEIRA

A avaliação da aprendizagem é um tema que está sempre presente e com uma transformação contínua desde seu surgimento (SANTOS, 2010, p. 122). De acordo com Luckesi, a palavra “avaliar” vem do latim, *a-valere* que significa “dar valor a” alguma coisa ou situação. (LUCKESI, 1998 apud. SANTOS, 2010),

Durante os séculos XVI e XVII, a ideia de avaliação era desenvolvida pelos jesuítas, que faziam o uso desses exames como meio de castigar ou premiar os alunos de acordo com seu desempenho e comportamento escolar. (CONCEIÇÃO, 2016). Os jesuítas criaram um documento em 1599, que efetuava como práticas pedagógicas que deveriam acontecer, dentre elas estavam a aplicação dos exames ao final de um ciclo letivo (MIRANDA, 2016). Segundo Luckesi esse documento protocolou que nos horários de exames os alunos não podiam fazer nenhuma pergunta, sentar-se longe uns dos outros e fazer a prova no tempo estipulado. Esta pratica ainda são observadas nos dias de hoje, onde as provas são agendadas com antecedências e salas organizadas de modo que cada aluno responda as questões individualmente para que atribuam ao aluno um valor (notas ou conceito) (LUCKESI, 1998 apud. MIRANDA, 2016).

Para John Amos Comênios (1649), século XVII, os exames deveriam ser utilizados como ferramentas para encorajar os estudantes ao estudo, afirmava que o medo era esplêndido para fazer com que os alunos se atentassem às aulas (CONCEIÇÃO, 2016). Em seu livro *Didática Magna: ou da arte universal de ensinar tudo a todos, totalmente* escreveu “que aluno não se prepara suficientemente bem para as provas se ele souber que as provas são para valer?” (COMÊNIO, 1649). De acordo com Luckesi (1998), foi através dessas ideias que se deu início ao “uso da verificação da aprendizagem” como ferramenta de correção, prescrição do medo para manter os estudantes interessados no aprender.

As avaliações começam a se moldar a partir do século XVIII, dando início às “primeiras escolas modernas”, nesse período por conta do uso de provas para avaliar os alunos, com a ideia de “notação e controle” (LEMES; MAIA; VELLOSO, 2007). Com a República, o manifesto dos pioneiros defendia uma escola democrática, com a Escola Nova, o método de avaliação começou a ser realizado de maneira subjetiva, dando ao aluno uma autonomia com relação construção de seu conhecimento, em que os exames finais eram caracterizados por perguntas e respostas que mediam assim o aprendizado (CATANI, 2011; NUNES; SILVA; SILVA; ARAUJO, 2012).

Após alguns anos, em 1934 a expressão “avaliação educacional” foi aventada por Tyler que tinha como propósito organizar os objetivos e conferir se esses tinham sido atingidos. A avaliação começou a ser introduzida nas “metodologias e matérias”

que usavam de pensamentos e tratamentos qualitativos (FERNANDES, 2006; LEMES; MAIA; VELLOSO, 2007).

Final do século XIX, começo do século XX traz a profissionalização do professor e os instruindo a avaliar os alunos em suas características físicas e psicológicas, ensinando aos professores como melhor desenvolver seu trabalho se utilizando destas informações. As escolas de Didática, Metodologia e Prática de Ensino incorporam a pedagogia à rotina escolar, neste ponto a avaliação deixa de ser somente questões para a variação de aprendizagem e se torna o conjunto de técnicas de questionamento somadas ao olhar treinado do professor. O século XX tem a avaliação atrelada a mensuração, onde a preocupação estaria no rendimento escolar, no qual a avaliação não se diferenciava de medida. (CATANI, 2011; MIGLIO, 2011).

No final do século XX e começo do século XXI, a preocupação com o meio educacional referente às avaliações aumentou, voltando sua atenção para o modo de se aplicar provas e com impacto que elas tinham nos alunos, começou a se pensar nas diversas maneiras de utilizar os resultados adquiridos para melhorar a construção do conhecimento, a ideia de avaliação como “funções diagnósticas e formativas”, que viria se preocupar com os resultados dos alunos durante todo o processo de aprendizagem (MIRANDA, 2016). Para Miranda:

Essas avaliações estão relacionadas às funções diagnósticas e formativa, que preveem tanto o acompanhamento do trabalho do aluno, mas principalmente, a flexibilização da didática e do planejamento pedagógico do professor, que tem como foco priorizar que os alunos realmente aprendam e não acumulem dificuldades ao longo dos anos do que simplesmente cumprir com o programa escolar pré-estabelecido.

Na década de 90, os estudos deslocam-se na busca de superar os métodos avaliativos técnicos, almejando incorporar na avaliação as práticas cotidianas em sala de aula e projetos político-sociais buscando “uma concepção de avaliação como reflexão sobre a ação e a proposição de maneiras alternativas de concretizar e viver a avaliação de a modo a estimular o aprendizado e as relações com o conhecimento e sua produção” (CATANI, 2011, p. 47).

Nos últimos anos, constata-se um cenário não muito otimista para a avaliação na educação brasileira, uma vez que as avaliações possuem ênfase em seus

resultados, conferindo mérito a alunos, instituições e redes. Entre os sistemas avaliativos no Brasil, podem-se destacar: ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica), ANERESC (Avaliação Nacional do rendimento escolar), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e SINAES (Sistema Nacional de Avaliação de Educação Superior), onde o foco está nos dados quantitativos e seus resultados são apresentados em formato de ranking (CATANI, 2011; MIGLIO, 2011; SOUZA; LOPES, 2010; ZABALA, 1998, cap. 8).

2 MODALIDADES AVALIATIVAS

A avaliação não pode ser tratada como uma disciplina exata, ou técnica, baseada na construção e utilização de instrumentos, no qual o objetivo trata-se somente de encaixar conhecimentos, motivação, atitudes ou capacidades dos alunos em qualquer categoria. Toda avaliação implica no julgamento e decisão sobre o que é pertinente a ser avaliado. A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) estabelece que os dados qualitativos predominem sobre os quantitativos, e que a avaliação seja contínua e cumulativa, desta forma os resultados adquiridos pelos alunos durante o ano escolar seriam mais valorizados que as notas das provas (FERNANDES, 2006; MEC, 2020; PELEGRINNI, 2008; SANTOS, 2011). A avaliação é um processo “desenvolvido por e com seres humanos para seres humanos, que envolve valores morais e éticos, juízos de valor e problemas de natureza sociocognitiva, sociocultural, antropológica, psicológica e política” (FERNANDES, 2006, p. 36).

Apesar das diretrizes legais que norteiam as avaliações em sala de aula, a cultura que prevalece nas práticas de avaliação são as de atribuição de classificação e seleção dos alunos, do que para a melhoria da aprendizagem. Para que a avaliação sirva de aprendizagem é necessário conhecer os alunos e suas particularidades, desta forma o professor pode elaborar a melhor maneira para que todos atinjam os objetivos (FERNANDES, 2005; PELEGRINNI, 2008).

Um mesmo instrumento de avaliação, ocorrendo em momentos diferentes ou não, pode se enquadrar em distintas modalidades, isto porque o que permite dividi-las em, por exemplo, somativa ou formativa, não são seus conteúdos, mas sim sua

função e propósito para qual foi pensada e executada. Desta forma a avaliação é distinguida conforme o critério do docente, seu objetivo estará ligado à sua finalidade e da interpretação das informações recolhidas e a posterior utilização desses dados (SACRISTAN, 1998; SANTOS, 2011).

A avaliação está integrada ao ensino-aprendizagem e visa investigar o quanto foi absorvido pelos alunos do planejamento do professor. Para se discernir entre as avaliações diagnóstica, formativa e somativa deve-se analisar a finalidade dos resultados encontrados pelo docente (Tabela 1) (HAYDT, 2008; RIBEIRO, 2014).

Quadro 1: Modalidades avaliativas e suas respectivas funções.

FUNÇÃO	MODALIDADE CORRESPONDENTE
Diagnosticar (verificar)	Avaliação Diagnóstica
Controlar (constatar)	Avaliação Formativa
Classificar	Avaliação Somativa

Fonte: Ribeiro, 2014.

2.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica, assim como a formativa e a somativa busca descrever os valores comportamentais dos alunos, assim como descrevê-los e classificá-los, entretanto sua diferença das demais é a possibilidade de constatar possíveis defasagens, revelar possíveis dificuldades, reconhecer ausência ou presença de conhecimentos e pré-requisitos para a introdução de novas disciplinas, desta forma poder ajustar o conteúdo programado conforme as necessidades dos alunos, propiciando o planejamento do ensino (HAYDT, 2008; MIGLIO, 2011; OLIVEIRA, 2002; RIBEIRO, 2014).

Muito utilizada no início do ano letivo, a avaliação diagnóstica, pode indicar ao professor quais as competências e habilidades dos alunos, aferindo se o

conhecimento precedente possibilita que adquiram novos, auxiliando a introdução do processo de ensino e aprendizagem (HAYDT, 2008; RIBEIRO, 2014).

2.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa pode ser dividida em duas fases, a primeira se passa no século XX em que seus métodos eram mais restritivos e seus resultados baseados em dados comportamentais e com pouca interatividade e era realizada após algum período de ensino. A segunda fase da avaliação formativa é mais atual e muito mais integral voltada para os processos cognitivos dos alunos, mais interativa e proveitosa teoricamente que as avaliações do século passado (FERNANDES, 2006).

Assim como as demais, a avaliação formativa tem como o objetivo o resultado, entretanto este será importante não só para o professor, mas também para o aluno, que por meio dessa análise poderá identificar progressos e dificuldades, para que assim em conjunto possam refletir sobre alternativas para melhorar o aprendizado. Os resultados encontrados poderão ser usados como fonte de motivação, já que não terão objetivos de classificar o discente como bom ou ruim. Uma avaliação muito mais pertinente com o cotidiano em sala de aula. Orientando o trabalho do docente na organização de um planejamento que de assistência necessária ao aluno, em que o aluno é o ponto central de todo o processo, legitimando a responsabilidade do educador no processo avaliativo mediador, afinal a educação uniformizadora vista de forma positiva só engrandece a ideia de que bons alunos são os que se encaixam em um modelo, quando na realidade, o ensino deveria se adaptar a diversidade de alunos (HOFFMANN, 2005; OLIVEIRA, 2002; PELLEGRINI, 2008; RIBEIRO, 2014, ZABALA, 1998).

Os professores entendem a importância da avaliação formativa em sala de aula, porém acreditam que esta avaliação incluiria estratégias que não estão acostumados e demandaria tempo que não poderiam dispor em seus cronogramas. Mas devemos lembrar que uma mesma informação contida em um processo avaliativo, pode ser usada de forma quantitativa e qualitativa, como fundamento para a aprendizagem ou somente para registrar. A avaliação não se encerra ao se determinar um valor, avaliar começa com a coleta de dados, análise dos resultados e

síntese das informações, onde posteriormente a atribuição de valor é necessária decidir se a necessidade de mudarmos de postura ou não. Quando mudamos o ponto de vista seletivo e uniformizador, para uma visão mais abrangente considerando a singularidade de cada aluno poderemos valorizar indicadores personalizados que dificilmente poderão ser interpretados quantitativamente como notas (MENDES, 2005; SANTOS, 2016; ZABALA, 1998).

2.3 AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa está relacionada à soma e medidas, frequentemente utilizada como instrumento qualificador e sancionador. Habitualmente os professores utilizam como medida a resposta esperada, ou seja, a contagem de acertos que o aluno obteve em determinada avaliação, sua nota então será baseada no resultado alcançado, considerando-se o número total de questões (LUCKESI, 2001; ZABALA, 1998). Luckesi em seu livro “Avaliação da aprendizagem escolar” exemplificou:

Num teste com dez questões... o padrão de medida é o acerto, e a extensão máxima possível de acertos é dez... um aluno pode chegar ao limite máximo dos dez ou a quantidades menores. A medida de aprendizagem do educando corresponde à contagem das respostas corretas emitidas sobre determinado conteúdo de aprendizagem (LUCKESI, 2001, p. 88).

A avaliação com função classificatória, que quantifica o conhecimento do aluno, determinando sua aprovação ou reprovação, busca a classificação no final do ciclo de aprendizagem ou para a série seguinte. Esta conduta torna a avaliação temida e odiada pelos educandos, vista como uma punição (HOFFMANN, 2005; LUCKESI, 2001; MIGLIO, 2011).

Não se espera que avaliação creditativa seja excluída das salas de aula, afinal faz parte das exigências institucionais, mas sim compilada a outros processos avaliativos (MIGLIO, 2011; OLIVEIRA, 2002; RIBEIRO, 2014; SANTOS, 2016). Avaliação vai além de somente verificar:

Avaliar implica na coleta, análise e síntese dos dados que configuram o objeto da avaliação, acrescido de uma atribuição de valor ou qualidade, que se processa a partir da comparação da configuração do objeto avaliado com um determinado padrão de qualidade previamente estabelecido para aquele tipo de objeto (LUCKESI, 2001, p. 93).

A avaliação somativa ocorre através da verificação, por meio da análise e observação do aluno, que se encerra quando se chega a uma conclusão sobre o objeto avaliado, ou seja, quando se consegue a informação obtida através da avaliação, fazendo da avaliação de verificação “uma ‘coisa’ e não um processo” (LUCKESI, 2001, p. 94). O ato de avaliar, por sua vez, ultrapassa o alcance dos dados, um processo ativo que qualifica e contribui para os objetivos educacionais, buscando uma concordância coletiva e melhoria do processo, considerando-se não somente o ranking de notas, mas todas as variáveis sociais, psicológicas e culturais envolvidas em uma interação entre aluno e professor (HOFFMANN, 2005; LUCKESI, 2001; MIGLIO, 2011; OLIVEIRA, 2002; ZABALA, 1998)

PESQUISA DE CAMPO

A Pesquisa de campo foi realizada em uma escola privada da cidade de Bebedouro – São Paulo com professores atuantes no Ensino Fundamental. A fonte direta de dados foi obtida através de formulários do Google, pois devido à pandemia deste ano atípico foi necessário que todas as entrevistas fossem remotas, sem nenhum contato físico para manter a segurança dos professores e dos pesquisadores.

O professor, sendo como principal fonte de informação voltada para o processo avaliativo que terá como objetivo comparar os resultados obtidos com a análise bibliográfica. A partir do aspecto qualitativo, a pesquisa se qualifica colaborativa uma vez que, os pesquisadores contam com a participação no processo de construção do seguinte estudo dos professores efetivos.

Quadro 2: Tempo de atuação dos professores entrevistados.

1- Tempo de atuação	
Professor 1	35 anos
Professor 2	7 anos
Professor 3	11 anos
Professor 4	21 anos
Professor 5	10 anos
Professor 6	33 anos
Professor 7	13 anos
Professor 8	19 anos.

Fonte: As autoras.

Quadro 3: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Qual é o objetivo da avaliação?”.

2- Para você, professor, qual é o objetivo da avaliação?	
Professor 1	Avaliar o aluno, é saber quais conteúdos não foram aprendidos. A avaliação diagnóstica, nos ajuda a montar o plano de ensino.
Professor 2	Analisar o aprendizado e poder reavaliar as formas de aprendizado, poder rever o que não foi aprendido.
Professor 3	Para mim serve como um "mapa" do conhecimento alcançado pelos alunos quando interagimos durante as aulas.
Professor 4	Perceber em qual nível de aprendizagem o aluno se encontra.
Professor 5	Na minha opinião, avaliar é diagnosticar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do processo de aprendizagem.
Professor 6	Perceber a dificuldade do aluno e programar as próximas atividades de acordo com a necessidade diagnosticada.
Professor 7	Saber como está a qualidade das minhas aulas e saber se as habilidades e competências foram desenvolvidas nos alunos, servirá de parâmetros e medidas.
Professor 8	Para mim, serve para levantar dados dos conhecimentos e habilidades apropriados ou aproximados dos educandos, para em seguida, nortear os trabalhos que deverão ser encaminhados.

Fonte: As autoras.

Quadro 4: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Você busca novas maneiras, ferramentas e abordagens para avaliar o seu aluno?”.

3- Você busca novas maneiras, ferramentas e abordagens para avaliar o seu aluno?	
Professor 1	Sim. Além das avaliações diagnósticas, acompanho cada aluno individualmente para assim saber como vou fazer para que avance nos conteúdos propostos.
Professor 2	Observo e avalio diariamente meu aluno, não espero somente o período de avaliações para avaliá-lo.
Professor 3	Sim, tenho usado muito as metodologias ativas também na avaliação. Uso QR Codes no meio das perguntas para direcionar os alunos para determinados vídeos que elucidam os enunciados das perguntas, ao invés de eu mesmo explicar o que eu quero. Gosto que eles façam provas operatórias ao invés de despejar o conhecimento de volta para mim.
Professor 4	Sim, além das provas, jogos, brincadeiras, participação, tarefas, projetos...
Professor 5	Sim, trabalho na educação infantil e acredito que a criança deva ser constantemente avaliada, seja durante uma brincadeira, um jogo, um desenho, reconto de histórias, entre outros.

Professor 6	Sim, procuro sempre conhecer meu aluno para que no momento de avaliá-lo posso utilizar o recurso que melhor se adequa à ele.
Professor 7	Sim, sempre buscando formas adequadas de avaliar, até por que cada pessoa tem suas características.
Professor 8	Sim. Avalio a participação do educando durante a aula e toda a sua postura como: cumprimento das tarefas propostas, pontualidade, organização e outros.

Fonte: As autoras.

Quadro 5: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Como você utiliza os resultados obtidos pelas suas avaliações? É necessário dar um retorno aos alunos?”.

4- Como você utiliza os resultados obtidos pelas suas avaliações? É necessário dar um retorno aos alunos?	
Professor 1	É uma ferramenta para que eu programe minhas aulas. Sim precisamos dar devolutivas das avaliações para que o aluno pense no erro que cometeu.
Professor 2	Sim, as avaliações devem ser devolvidas para os alunos, e deve ser feita uma análise dos acertos e erros.
Professor 3	Sim, sempre. Penso que é um mapa, como dito anteriormente. Os alunos me devolvem a sua capacidade de interagir com um conteúdo, transformá-lo e utilizá-lo no cotidiano. Se ele conseguir fazer isso, considero que o conteúdo foi assimilado.
Professor 4	Organizo um portfólio através de planilhas de observação e atividades diagnósticas para acompanhar o desempenho dos alunos durante o ano. Procuro pontuar aos alunos suas conquistas.
Professor 5	Os resultados servem para a melhora e aperfeiçoamento de nossas práticas cotidianas.
Professor 6	Uma vez que informamos que ele será avaliado temos com certeza devolver ao aluno uma resposta sobre aquilo que lhe foi solicitado. Os resultados são um termômetro tanto para o professor avaliar sua aula, se a maioria aprendeu, quanto para o aluno avaliar o que também assimilou ou não.
Professor 7	Eu utilizo para me auto avaliar e sempre com devolutivas para os alunos.
Professor 8	Como o sistema ordena mensurar em uma média (nota), tento ser justa. Sempre dou um retorno ao aluno, pois acredito ser o certo. Assim estarei dando a oportunidade dele refletir e aprimorar o que é necessário.

Fonte: As autoras.

Quadro 6: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Os seus métodos avaliativos são condizentes com suas práticas educativas? Dê exemplos.”

5- Os seus métodos avaliativos são condizentes com suas práticas educativas? Dê exemplos.	
Professor 1	Sim. Diagnóstico, formativo, somativa.
Professor 2	Sim, avaliar não é somente a prova, mas o dia a dia, os trabalhos e discussões.
Professor 3	Sim, as minhas aulas são investigativas e uso muita metodologia ativa. Na prova, a mesma linha. Os alunos não me devolvem o conhecimento que lhes forneci, eles constroem sua resposta resolvendo um problema a partir da aprendizagem dos conteúdos.
Professor 4	Acredito eu e sim, além das avaliações relatadas no item anterior, são aplicadas também, provas e atividades avaliativas, às quais são estruturadas de acordo com as habilidades previstas para a série. Além disso, me preocupo em propor avaliações formativas às quais oportunizam aos alunos, também aprender durante a realização da prova.
Professor 5	Sim. Exemplo: avalio o aluno diariamente! Observo seu comportamento diante dos conteúdos trabalhados e das propostas de atividades diárias, seus acertos e erros. Utilizo as avaliações para saber o que a criança já sabe e que ainda precisa aprender.
Professor 6	Sim. Ex: Faço uma avaliação diagnóstica todo início do ano para obter dados do aluno que irei acompanhar durante o ano.
Professor 7	Sim, por meio de observação, participação e competências.
Professor 8	Sim. Sempre envio as orientações de estudo bem detalhadas, com um prazo razoável, para que o aluno consiga se organizar e também tirar suas dúvidas quando necessário.

Fonte: As autoras.

Quadro 7: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Durante a sua carreira docente você sempre avaliou da mesma maneira? Explique.”

6- Durante a sua carreira docente você sempre avaliou da mesma maneira? Explique.	
Professor 1	Não. Neste período da minha carreira, passei por uma grande revolução na educação. Do ensino tradicional, construtivismo até o sócio interacionista.
Professor 2	Sim, minha formação foi baseada no construtivismo e a escola em que trabalho também segue essa linha.
Professor 3	Não, já fui bem "tradicional" no começo, mas depois mudei porque não via sentido em fazer daquele jeito, assim como hoje já não vejo sentido em ensinar como os pais dos alunos querem que os ensinemos. Queria colocar a escola de pernas para o ar, rs.

Professor 4	Por trabalhar em uma escola construtivista, sempre procurei seguir as orientações pertinentes a essa linha e com o passar do tempo, pude observar o aprimoramento natural, proveniente da prática docente.
Professor 5	Nem sempre. Acredito que os estudos, a prática docente e a experiência ao longo dos anos, nos faz refletir e buscar sempre novos recursos e métodos.
Professor 6	Sim, sempre trabalhei na mesma escola e sempre estudamos, fazemos cursos e nos aprimoramos nesse tema, tão complexo.
Professor 7	Não, de início utilizava uma forma de avaliar igual para todos e assim sobre tinha alunos que não chegavam nós objetos e percebi que precisaria mudar a forma de avaliar em determinado momentos das aulas.
Professor 8	Não. Podemos avaliar com questões dissertativas, múltipla escolha, trabalhos individuais ou em grupo. Como já citei, avalio a postura de estudante no seu amplo contexto.

Fonte: As autoras.

Quadro 8: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Você já passou por capacitação na sua formação continuada sobre a temática avaliação? Explique.”

7- Você já passou por capacitação na sua formação continuada sobre a temática avaliação? Explique.	
Professor 1	Sim, muitas. Penso que o professor não pode parar de estudar. Foi através das formações que hoje trabalho com meus alunos como professor mediador de conhecimento.
Professor 2	Sim, a escola em que trabalho forneceu um curso a dois anos
Professor 3	Sim. Fiz alguns cursos na Escola da Vila e participei de seminários, congressos e eventos científicos sobre o tema, aqui e em Portugal, em 2018.
Professor 4	Sim, na instituição em que trabalho, estamos em constante formação e por várias vezes a temática sobre avaliação foi abordada.
Professor 5	Sim. A rede municipal de ensino tem nos proporcionado vários cursos de capacitação e aperfeiçoamento pedagógico.
Professor 6	Sim. Por várias vezes estudamos o autor Antoni Zabala, que trouxe para nós o tema da avaliação.
Professor 7	Sim. Pelo uma vez ao ano a rede municipal fornece alguns encontros para discutimos a temática
Professor 8	Sim, nos tempos de hoje exige mudanças, adaptações e aperfeiçoamento. Quem não se atualizar fica para trás, por isso a concepção moderna do educando exige uma sólida formação científica, técnica e política consciente da necessidade de mudanças!

Fonte: As autoras.

Quadro 9: Respostas dos professores entrevistados para a questão “Como a avaliação reflete no planejamento de aula?”

8- Como a avaliação reflete no planejamento de aula?	
Professor 1	Através da avaliação que planejo minhas aulas.
Professor 2	A avaliação também acontece durante as aulas, então durante o planejamento reservamos tempo para discussões e um tempo pra avaliações, também para revisar as avaliações.
Professor 3	Diretamente, pois se o aluno não consegue aplicar o conhecimento na resolução de problemas, é preciso retomar de outras formas, usando outras estratégias.
Professor 4	É o norteador, de acordo com os resultados apresentados pelos alunos, conseguimos perceber quais habilidades precisam ser desenvolvidas e assim, podemos planejar as aulas de acordo com as necessidades do grupo e de cada aluno.
Professor 5	Através dos resultados obtidos durante o processo de avaliação, o professor poderá desenvolver estratégias pedagógicas, aperfeiçoando e contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.
Professor 6	Significativamente. Desde formar duplas com o mesmo nível de desenvolvimento até como planejar novas atividades para o aluno aprender e também avançar em seus conhecimentos.
Professor 7	De forma efetiva, pois com os resultados consigo montar outra aula com mais eficiência.
Professor 8	A avaliação me ajuda a enxergar quais competências e Habilidades foram ou não desenvolvidas. Assim coloco a minha atenção naquilo que é necessário.

Fonte: As autoras.

ANÁLISE DE DADOS

Pode-se perceber que na escola referida o mínimo de tempo de atuação dos professores é de sete anos e o máximo trinta e cinco anos. Todos os professores entrevistados acreditam que a avaliação tenha caráter diagnóstico independentemente do método usado a fim de analisar o conhecimento adquirido. Os docentes durante o seu ano letivo procuram avaliar de maneiras e abordagens diferentes. Afirmaram que é necessário sempre estar em busca de novas maneiras para ter uma avaliação de qualidade.

Acreditam que os resultados para todas as partes servem como mapa e ferramenta que guiará o processo de ensino e aprendizagem e que através deles é

necessário que o aluno entenda os erros e acertos e aconteça um acompanhamento de seu desenvolvimento.

Sobre as metodologias ativas⁴ todos disseram que se preocupam em propor avaliações formativas para oportunizar todos os seus alunos. A maior parte dos professores falou que passaram por grandes evoluções na educação e que com os estudos, a prática docente, e a experiências fazem com que reflitam e busquem novos métodos de avaliar os discentes.

Participaram eventualmente de cursos, seminários, congressos, eventos, formações e aperfeiçoamentos pedagógicos e ressaltaram que “quem não se atualiza fica para trás”. Através da avaliação conseguem nortear os planejamentos das aulas, analisar quais habilidades e competências foram desenvolvidas, sempre aperfeiçoando e contribuindo para o desenvolvimento pedagógico, sempre se preocupando em formar alunos através da ética e habilidades socioemocionais, com muito diálogo, respeito, justiça e solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados nesta pesquisa foram analisados com base nos autores selecionados que possuem um amplo embasamento na temática escolhida, ressaltando as modalidades avaliativas diagnóstica, formativa e somativa. Todas as perguntas são voltadas para a avaliação, questionando como, quem e quando os professores entrevistados fazem o uso das metodologias.

A seguinte pesquisa mostrou que os professores possuem noção de todos os processos avaliativos, porém desconhecem seus nomes e funcionalidades diante do educando. Poucos conseguiram declarar qual a modalidade de avaliação que seguiam, somente descreveram os métodos utilizados, corroborando com o artigo de Fernandes (2006), onde o autor cita a dificuldades dos docentes em distinguir as metodologias avaliativas e suas aplicações.

⁴ Metodologias Ativas consideram o educando como ator central do processo educativo, onde a busca pelo aprendizado será através de métodos oferecidos pelo educador, onde aluno construirá seu próprio conhecimento (FIOROT JUNIOR; FIOROT 2020).

Todos os participantes do estudo parecem ter um bom domínio do instrumento abordado, pois vários informaram possuir formações anuais e orientações semanais junto da gestão pedagógica para que todos os discentes andem no mesmo compasso. Por se tratar de uma unidade escolar privada, pode-se notar que os professores seguem o planejamento escolar à risca.

A partir do levantamento da pesquisa pode-se concluir que a avaliação tem como principal objetivo para os docentes avaliar o aluno e a si mesmo. Embora desconheçam a teoria dos métodos avaliativos que usam, entendem a importância da avaliação ser uma via de mão dupla, onde não se deve apenas verificar, mas também avaliar. Ao analisarmos as literaturas dos autores, como Luckesi (2001), Miglio (2011), Ribeiro (2014), Pelegrinni (2008), Mendes (2016), Santos (2016), entre outros, podemos presumir que entrevistados buscam seguir a metodologia formativa de avaliação.

A partir do levantamento da pesquisa pressupomos que os docentes utilizam a avaliação como ferramenta na elaboração do planejamento escolar, assim como levantar dados qualitativos e quantitativos sem a classificação discente. Pode-se perceber que todos os professores se preocupam com os resultados obtidos na avaliação, porém foi percebido a evasão da preocupação com o ensino-aprendizagem, concordando com Luckesi (2001), que descreve a prática docente de avaliação como uma forma de medir o conhecimento dos discentes sempre buscando os dados quantitativos em vez de qualitativos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conheça a história da educação brasileira. **GovBr**, 2020. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/acessibilidade-sp-940674614/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>>. Acesso em: 24 de set. 2020.

CAMILO, C. Era Vargas: profusão de ideias: história da educação no Brasil. **Nova Escola**, 2013. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3433/ensino-com-catecismo#>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CATANI, D. B. História das práticas de avaliação de alunos e professores no Brasil. In: FERNANDES, D. (Orgs.) **Avaliação em educação**: olhares sobre uma prática social incontornável. Pinhais: Editora Melo, 2011, p. 29- 52.

- CONCEIÇÃO, J. L. M. Contexto histórico da avaliação escolar. Educação Pública, 2016. Disponível em: < [https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/1/contexto-historico-da-avaliacao-escolar#:~:text=Luckesi%20\(1995\)%20aponta%20que%20%E2%80%9C,cl%C3%A1ssicos%20e%20%C3%A0%20arte%20c%C3%AAnica](https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/1/contexto-historico-da-avaliacao-escolar#:~:text=Luckesi%20(1995)%20aponta%20que%20%E2%80%9C,cl%C3%A1ssicos%20e%20%C3%A0%20arte%20c%C3%AAnica)>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- FERNANDES, D. Para uma teoria da avaliação formativa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 21-50, 2006.
- FIOROT JUNIOR, J. A.; FIOROT J. B. **Guia de tecnologias educacionais: metodologias ativas e ferramentas virtuais**. Monte Azul Paulista: Neurônio Criativo, 2020.
- HAYDT, R. C. Avaliação do Processo Ensino Aprendizagem. **Atica**, 1988.
- HOFFMANN, J. **Avaliação: mitos e desafios, uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 104.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, ed. 11, 2001, p. 180.
- MENDES, O. M. Avaliação formativa no ensino superior: reflexões e alternativas possíveis. In: VIEGA, I. P. A.; NAVES, M. L. (Orgs.) **Currículo e avaliação na educação superior**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2005, p. 175-197.
- MÍGLIO, M. A. Protótipo para avaliação diagnóstica escolar como referencial para o trabalho pedagógico do professor no Ensino Fundamental. **Dissertação de Mestrado**, Universidade do Estado do Amazonas, p. 187, Manaus, 2011.
- MIRANDA, J. Um histórico da avaliação. **Redes Moderna**, 2016. Disponível em: < <https://redes.moderna.com.br/2016/09/02/um-breve-historico-da-avaliacao/>>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- NUNES, I.; SILVA, D.; SILVA, V.; ARAÚJO, V. Avaliação da aprendizagem: Breve histórico da origem aos dias atuais. **Quem escreve, quer falar**, 2012. Disponível em: < <http://quemescrivequerfalar.blogspot.com/2012/11/avaliacao-da-aprendizagem-breve.html#:~:text=Avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20aprendizagem%3A%20Breve%20hist%C3%B3rico%20da%20origem%20aos%20dias%20atuais.,-RESUMO%3A%20Discutiremos%20neste&text=Podemos%20conceituar%20a%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20como,est%C3%A3o%20surtindo%20o%20resultado%20esperado>>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- OLIVEIRA, I. A. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia *com* crianças. **Movimento Revista de Educação**, n. 7, p. 228-253, 2017.
- OLIVEIRA, G. P. Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos. **Revista Iberoamericana de Educación**, 2002.
- PELLEGRINI, D. Avaliar para ensinar melhor: Da análise diária dos alunos surgem maneiras de fazer com que todos aprendam. **Projeto pedagógico**, p. 74-75, 2008.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia**, n. 4, Ribeirão Preto, 1993. Doi: doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100003.

RIBEIRO, C. R. **A concepção dos professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental sobre avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa**. Faculdade de ciências Sociais e Agrárias de Itapeva, 2014.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMES, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Art Med, Ed. 4, Porto Alegre, 1998.

SANTOS, L. Que critérios de qualidade para a avaliação formativa? In: FERNANDES, D. (Orgs.) **Avaliação em educação**: olhares sobre uma prática social incontornável. Pinhais: Editora Melo, 2011, p. 155- 166.

SANTOS, L. A articulação entre a avaliação somativa e a formativa, na prática pedagógica: uma possibilidade ou um desafio? **Ensino: avaliação política pública da Educação**, v. 24, n. 92, p. 637-699, Rio de Janeiro, 2016.

SCACHETTI, A. L. Série especial: História da Educação do Brasil, de onde vem e para onde vai a escola brasileira. **Nova Escola**, 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1910/serie-especial-historia-da-educacao-no-brasil>. Acesso em: 24 de set. 2020.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 221.